

Os cabos eleitorais da fé

Assessores católicos são valorizados pelos candidatos

SÃO PAULO — A maioria dos candidatos à sucessão presidencial tem na equipe de campanha algum representante da Igreja para angariar votos dos católicos. Líderes religiosos, assessores de cardeais, ex-padres ou dirigentes de Comunidades Eclesiais de Base, com representatividade junto à comunidade católica, fizeram opção preferencial por Luís Inácio Lula da Silva (PT) e Mário Covas (PSDB). O primeiro tem o apoio das Cebes e pastorais e o segundo da hierarquia católica.

Collor de Mello (PRN) escolheu como coordenador de campanha em São Paulo o sociólogo Valmor Bolan, ex-frade e colega de seminário dos irmãos Clodovis e Leonardo Boff, arautos da Teologia da Libertação. Afif Domingos (PL) tem como coordenador de comunicação o jornalista Evaldo Dantas, colaborador do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns.

Ulysses Guimarães (PMDB) conta com a ajuda do ex-Deputado José Gregori, ex-Presidente da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e com livre trânsito junto a "progressistas" e "moderados" da Igreja. Covas utiliza nos contatos com a Igreja sua ex-Secretária de Família e Bem-Estar na Prefeitura Marta Godinho, ativa militante católica.

Lula tem assessoria informal



do dominicano Frei Betto, além do Assessor de Imprensa Ricardo Kotscho, membro da Comissão Justiça e Paz, e do economista Aloízio Mercadante, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi). Brizola usa o advogado Mário Simas, membro da Comissão Justiça e Paz.

Mesmo sem assessoria de membros da Igreja, Paulo Maluf (PDS) e Ronaldo Caiado (PSD) contam com a simpatia de leigos católicos da ala "conservadora" da Igreja.

Único candidato sem assessor católico, o comunista Roberto Freire esteve com o Cardeal Dom Eugênio Sales e o Presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, para esclarecer suas propostas de governo.